

DURVAL DE MORAES

MÁRIO LINHARES

A morte de Durval de Moraes, ocorrida no Rio de Janeiro, a 5 de Dezembro de 1948, causou profunda tristeza em todo o Brasil. Particularmente, sofreu a Federação das Academias de Letras do Brasil, com o seu desaparecimento, a perda irreparável de um dos seus elementos mais preciosos como obreiro eficiente e dedicado no diuturno labor dessa grande obra de congraçamento e fraternização da inteligência brasileira.

À homenagem que, em sessão solene, lhe foi prestada, após sua morte, por essa Instituição, deixou inolvidável impressão pela espontaneidade com que todos lhe exalçamos os merecimentos singulares.

Desde a mocidade naquêles áureos dias de "Sombra Fecunda", quando surgira como cavaleiro andante dos sonhos mais afoitos, ao lado de companheiros da "Nova Cruzada", como Francisco Mangabeira, Artur de Sales, Galdino de Castro, Roberto Correia e outros, — era de ver a galhardia com que desfraldara Durval de Moraes o gonfalão dos novos metros e ritmos, esquivo da rotina dos versejadores, para inaugurar uma auspiciosa era de renascimento da poesia em nossa pátria.

O verso, em suas mãos, tomava todas as fórmulas, com a maleabilidade da massa obediente á modelação das suas imagens.

Dentro da multiplicidade dos metros as idéias se vestiam daquela musicalidade bizarra precursora de Debussy ou Stravinski.

No seu panteísmo, tocado de um sutil idealismo á Ruskin, sabia animar tudo o que caía sob a sua pupila deslumbrada, como se seres e cousas vibrassem, insufladas de uma vida nova, movidas pelo sôpro de um sentimento imprevisito, de uma estranha emoção.

Daí os impressivos efeitos onomatopaicos tirados á Natureza, na tradução das suas vózes encantadas, como fôsem a imitação do canto dos pássaros, o mugir dos bois, o tatarar das palmas dos coqueiros, o murmúrio dos regatos, que a crítica sem penetração não compreendêra, depois seguidos nas poesias descritivas de outros poetas.

Com a habilidade do esgrimista do ritmo — explica Santos Maia — vai o poeta de "Sombra Fecunda", desde o verso de 17, 16, 15, 14 sílabas.

que ele ondula, contorce, fracciona, com uma perícia singular, até o tetrasílabo galante, com que tece deliciosas filigranas líricas.

Não foi a imitação ou contrafação daquela espécie de versos, que o escritor Carlos Magalhães de Azeredo introduziu em nossa poesia, com o nome de “metros bárbaros”, de que Carducci, na Itália, fez uso frequente.

Mário Pederneiras, em 1914, afirmava: *Essa diversidade de ritmos, que êle emprega, dá ao seu livro, um deli- E encanto de movimento e de originalidade, que concorre ainda mais a torná-lo excelente”.*

O nosso conhecimento com I... foi na sua hora já crepuscular, quando, renunciado todo... triunfos memoráveis, fugia do mundo, despido das loucas... es, das atitudes solenes, para entregar-se, de corpo e alma, a... de, ao silêncio, á solidão e á prece, como filho dileto de Francisco de Assis, insculpindo no frontespício de um dos seus livros esta sentença imprimitível.

*“Na solidão Sonora” da Humildade
Morta a “Sombra Fecunda” de um Orgulho”.*

Dizendo-nos dêsse seu último estado de alma, dessa vida de recolhimento, para êle, tão cheia de felicidade, afirma numa as suas mais belas estrofes:

*“O silêncio transmite
As mensagens das almas gloriosas.”*

Todo aquêle seu passado de ruidosas conquistas pesava-lhe nalma como uma sombra inquietante:

*“Ha trinta anos. . . Meu Deus, como vai longe aquilo!
Lembrar, por que lembrar? . . . Meu velho coração, fica tranquilo.*

*De uma feita encantou-me a ilusão do combate.
Quiz ser um gonfalon de guerra aberto ao vento.
Arrogante David em frente aos filisteus.*

*Lutei por minha fôrma e por meu pensamento. . .
E odiado e odiando, e negado e negando,
Á frente de meu bando
Encontrei-me a ganir como um mastim que late
Contra o mundo e contra Deus.*

*Eu, gelado panteista:
Eis a conquista!*

*Vencera, meu amigo.
Minha vitória foi meu castigo.*

*Fui um centauro do útero das pedras, férreas patas
Para esmagar as pedras e meu corpo.
Atravessei terras opúsculas.
Sozinho
Desdenhando
Pélagos rugidores.
(A lembrança me vai galvanizando)
Tasso, também, criei meus "ritmos interiores".*

*Ritmos interiores, meu orgulho,
Meu frio orgulho de individualista;
Hoje, longínquo e trêmulo marulho:
— Ilusão de conquista."*

Voltou-se eremiticamente á solidão para melhor viver, no seu mundo interior, a vida de encantamento espiritual.

O "Vae soli!" do conceito eclesiástico não lhe caracterizava a triste situação do homem abandonado a si mesmo. Viver solitariamente significava-lhe fugir do mundo, das suas vanglórias, ilusões e misérias.

Compreendia bem o preceito da Sêneca: "Quantas vèzes estive entre os homens, voltei menos homem."

Seu êrmo tinha a recôndita sedução das harmonias silenciosas que sonorizavam a sua solidão:

A SOLIDÃO SONORA

*Solidão sonora,
Solidão do Pensamento,
Na vida tentadora...
Fecha-me o inferno dos perdões incertos,
Abre-me o santo céu do esquecimento,
sonora solidão do Pensamento.*

*Pobrezinho mendigo,
Pelo mundo de fôrmas e de imagens
Vaguei; dá-me um abrigo
Contra as miragens*

*Esconde-me de mim
Fugindo ao
Que trago natu-
A esperança t-*

*Unido a ti, gozando os teus rlvios,
Teus eslvios de aromas transcendent
Beijarei teus dedos niveos
E transparentes.*

*Beijarão teus encantos
Os olhos de minha alma.
Venho pedir-te, ó mão dos Santos
A Calma.*

*Beberei teu beijo
Vinho sem amargor,
Matando meu desejo
Na tua edênea bôca de flôr.*

*Saciando os meus anseios
De Altissima Beleza,
Pura de puros seios,
Em tua bôca acêsa.*

*Dos sonhos do meu Sonho a viva espuma,
Sorrisos de anjos em revoada,
Ha-de florir em teu corpo de bruma
Imaculada.*

*Existirei por ti mais um instante... e basta
Para tão pobre coração.
E morrerei por teu amor, ó Casta,
Sonora Solidão."*

O panteista dos primaz e... os, criador de ritmos novos que lhe dão a palma de pioneiro e... das nossas letras, no ciclo estelar de sua evolução par... P... banhou o seu estro nas fontes puras do sentimento... do-se um católico fervoroso de comunhões diárias.

Daí por diante, a sua v... a purificação e a ascensão para Deus. O Amor, o Bem, a Perfeição, tornaram-se para êle o toque supremo do destino humano. O mundo lhe valia, apenas, pela sublimação das virtudes cristãs, que o trazia em permanente estado de graça, no enlevo da antevisão beatífica de uma existência melhor, de uma eterna bemaventurança.

A Poesia fez-se a sua escada de Jacó, por onde subia aos céus a procição querúbica dos seus pensamentos.

Jackson de Figueiredo visionou bem, num ensaio notavel, a grande figura mística que se fixou no poeta de *Nossa Senhora*, em livros como: — *Chia de Graça, Rosas do Silencio, Lira Franciscana, Conquistador do Infinito, Plasmas, Vinha Florente, Ouro das Folhas Mortas* e outros que formam o mais formoso dos nossos florilégios.

-- Se — poetas por poetas sejam lidos — aqui está a palavra oracular de Alberto de Oliveira, sempre tão sóbrio nos seus aplausos, numa carta que é uma consagração:

"Tornarei a respirar a fragancia delicada de suas "Rosas do Silêncio", impresso agora em livro, de que recebi um exemplar.

V. meu bom amigo, tem uma alma que invejo, nascida como foi para as cousas santas e altas, e tão modesta e simples como tudo — trepadeira de troncos ou neblina de montes — que procura sair da terra e alar-se á maior claridade. Essa alma não lh'a vi nunca rastejar em cousas impuras. Invejo-lhe e admiro-lhe. Sinto toda a elevação do seu culto e lamento ter vindo até hoje sem ver melhor ou melhor compreender o que os seus olhos vêem e é toda a inspiração de seus versos; a beleza da poesia religiosa. Meu erro, sem correção, vem talvez de haver desde cedo deixado espraiasse-me o espirito em liberdade, sem o sujeitar a sistemas filosóficos ou religiosos. Minha alma tem sido, e creio que será sempre, diante da Natureza uma sorte de borbolêta estonteada. Nada mais. Tenho admiração que vai quase ao êxtase, pela obra divina, a curiosidade de observar os seus fenômenos; sinto a atração dos seus mistérios, o frêmito que me passa diante de seu infinito, mas falta-me a fé ou crença, como você a possui e o faz inspirado e feliz."

Quando um dia se fizer o inventário dos nossos lídimos valores, Durval de Moraes terá o seu pôsto entre as figuras mais representativas das letras nacionais.

Durval não foi surpreendido pela morte; estava preparado para a grande romagem, com a disposição serena de quem já não era mais deste mundo.

Muitas vêzes, na sua casa de Iparatinga, dizia-nos ao que êle chamava de sua *cela* de anacorêta, um pequeno compartimento na parte mais elevada do prédio, com uma janela para uma deslumbrante paisagem onde a vastidão do mar se confundia com o azul do firmamento.

Ê aqui — dizia-nos indicando para o abaixo de um crucifixo encimado na parêde — que passo os meus instantes de contemplação.

Aguardo apenas — concluía suavemente — a hora da partida.

Ê não tardou que êle se alasse como um passarinho que deixa a prisão gorgendo espaço a fóra...

Êis um trecho de seu hino á Morte:

*“Bendita irmã das alvas cousas brancas,
Almas e lírios, neves e luares,
Quando viveres toda perfumada,
Como a Espôsa do Cântico dos Cânticos,
Hei-de tanger meu hino derradeiro
Na mudez dos meus olhos apagados,
No clavicórdio mudo de minh’alma;
Meu hino a ti, que do meu sêr me livras,
De mim, que fui pequeno e miserável,
E não cingi a veste da inocência
Para esperar-te, minha Santa Noiva...”*

*Aos que deixam a vida de mãos postas,
Despojados do espírito do mundo,
Lábios floridos de Alegria Eterna,
Olhos floridos da Visão Seráfica,
Sê benvinda, Irmã Morte!”*

